



Leituras de Histórias de Vida de Professores de Matemática no Pibid

Mathematics Teacher Life Story Readings on Pibid

Mirian Maria Andrade¹

Línlya Sachs²

RESUMO

Este texto trata sobre atividades de orientação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no curso de Licenciatura em Matemática, do campus de Cornélio Procópio da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), durante os anos letivos de 2016 e 2017 e que foram delineadas pelos parâmetros da metodologia História Oral. Com o objetivo principal de olhar para como o professor de matemática, supervisor dos alunos na escola de Educação Básica, se torna o professor de matemática que é, foram disparadas algumas leituras e a elaboração de algumas atividades, como a produção de escritas autobiográficas relatando sobre suas histórias de vida, roteiros, realização, transcrição e textualização de entrevistas com os professores supervisores. Neste texto, pretendemos apresentar momentos importantes nesse processo, incluindo as leituras que os licenciandos elaboraram das narrativas produzidas a partir das histórias de vida dos professores supervisores.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores, Narrativas, Licenciatura em Matemática, História Oral.

ABSTRACT

This paper deals with orientation activities, outlined by the parameters of the Oral History methodology, in *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)*, in the course of Mathematics Degree, at *Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)*, during the academic years 2016 and 2017. With the main objective of understanding how the teacher of mathematics, supervisor of the students in the school, becomes the teacher of mathematics that is, were carried out readings and elaborated some activities, as the production of autobiographical writings reporting on their histories of life, scripts, realization, transcription and textualization of interviews with supervisors teachers. In this text, we intend to present important moments in this process, including the readings that the licenciandos elaborated of the narratives produced from the life histories of the supervisor teachers.

KEYWORDS: Teacher Training, Narratives, Undergraduate Course of Mathematics, Oral History.

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. andrade.mirian@gmail.com

² Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Cornélio Procópio, Paraná, Brasil. linlyasachs@yahoo.com.br

Introdução

Tentativas de desenvolver práticas inspiradas na metodologia História Oral no curso de Licenciatura em Matemática, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Cornélio Procopio, foram empreendidas durante os anos letivos de 2016 e 2017.

Sobre o desejo de abordar a História Oral com futuros professores de matemática, sobre como compreendemos teoricamente e exercitamos a História Oral, sobre as atividades propostas, em disciplinas da grade curricular ou em projetos vinculados a este curso, das reflexões e dos apontamentos quanto à inserção desta metodologia nestes espaços formais de formação inicial de professores, tratamos com mais cuidado em Andrade e Sachs (2018a). É importante, no entanto, observarmos que, inspirados em Tizzo, Flugge e Silva (2015), consideramos “que essas atividades não se configuraram, para nós, como experimentações; foram estratégias de ensino e de pesquisa, cuidadosamente pensadas, para cada um desses contextos disciplinares e de iniciação à docência” (ANDRADE; SACHS, 2018a, p. 215).

Em Andrade e Sachs (2018b) e em Sachs e Andrade (no prelo) são abordadas, mais especificamente, as atividades que foram pensadas e mobilizadas, com História Oral, no seio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid. A proposta maior tinha como principal objetivo olhar para o professor supervisor dos alunos na escola de Educação Básica, em que eles realizavam parte da carga horária semanal prevista do projeto, e buscava compreensões sobre como esse professor de matemática se torna o professor de matemática que é. Rolkouski (2006) foi a nossa inspiração para a elaboração e para o desenvolvimento dessas atividades neste espaço de formação. Em sua pesquisa, o autor se propôs a investigar sobre a história de vida de professores de Matemática, olhando para como a trajetória de vida faz o professor se tornar professor de matemática do modo como ele é. E, então, nossa inquietação recaiu sobre o professor de matemática, supervisor do Pibid: como se torna o professor de matemática que é?

Antes, porém, de cuidarmos especificamente desse objetivo – digamos geral – da nossa proposta, optamos por desenvolver alguns exercícios com os alunos bolsistas. Para isso, foram realizadas leituras e feitos exercícios de escritas e de análise de narrativas com eles (duas duplas de alunos)³, sob nossa orientação. Em Sachs e Andrade (no prelo) tratamos de

³ Nesse curso, o Pibid estruturava-se do seguinte modo: os coordenadores do projeto convidavam alguns professores do curso para orientar duplas de bolsistas. Desse modo, apesar de não sermos coordenadoras do

Perspectivas da Educação Matemática – INMA/UFMS – v. 12, n. 29 – Ano 2019

olhar para as escritas autobiográficas produzidas pelos licenciandos, em que eles relataram sobre suas histórias de vida, lançando uma reflexão sobre o caminho que levou cada um deles para – e fez permanecer – o curso de Licenciatura em Matemática.

A história de vida de quatro bolsistas, seguidas de uma breve análise dos (des)caminhos na formação de professores de Matemática, pode ser consultada em Moreira et al. (2017). Para além desse exercício, os bolsistas elaboraram, também, roteiros de entrevistas, realizaram entrevistas com os professores supervisores⁴, transcreveram os áudios e textualizaram as transcrições. Todo este processo foi delineado pelos parâmetros da História Oral, conforme nos foi possível compreender e exercitar. A escrita das histórias de vida dos bolsistas era para ser apenas um exercício, mas tomou outras proporções ao ponto de nos lançar à discussão e à reflexão, em Andrade e Sachs (2018b) e em Sachs e Andrade (no prelo), sobre como essas escritas autobiográficas podem preparar e, neste caso, permearam as entrevistas com os professores supervisores realizadas posteriormente, possibilitando uma reflexão sobre a mobilização da História Oral no âmbito do Pibid.

Este é o solo em que se sustenta este novo texto. Neste, temos a pretensão de olhar para o exercício de análise das textualizações elaboradas a partir das entrevistas realizadas com dois professores supervisores do Pibid, professores de matemática da Educação Básica que colaboraram com essa nossa empreitada de levar a História Oral para dentro do curso de Licenciatura, sem inicialmente sabermos ou esperarmos, mas tendo sido surpreendidos no caminho, pelos importantes desenrolares e contribuições dessa iniciativa. Essas análises são leituras de narrativas e foram realizadas por quatro bolsistas e, desses, um deles (devido à conclusão do curso de outro bolsista) foi vinculado ao projeto após o momento em que as histórias de vida deles já tinham sido produzidas. Desse modo, traremos à cena, neste trabalho, quatro histórias de vida de licenciandos e as análises das narrativas de histórias de vida de dois professores supervisores realizadas por três bolsistas. Justificamos essa escolha, pois, *a priori*, observamos vestígios do exercício anterior na análise disparada pelos licenciandos.

projeto, contribuímos com ele por meio da orientação de alguns bolsistas. Ainda, optamos por realizar essas orientações de modo conjunto, constituindo um pequeno grupo, com duas professoras orientadoras e quatro bolsistas (que não foram os mesmo durante o projeto, devido a desligamentos e novos vínculos).

⁴ Washington e Agnaldo, nomes verídicos e autorizados pelos professores para uso em nossos trabalhos acadêmicos que tratam das atividades com eles realizadas no âmbito do Pibid.

Sobre as narrativas

Ao nos debruçarmos sobre esse trabalho no Pibid, tratar de narrativas fez-se necessário para que pudéssemos pensar e efetivar leituras e constituição de narrativas. Em Andrade e Sachs (2018a, p. 213), esclarecemos que “ao mobilizarmos a História Oral, nesses espaços, no curso de Licenciatura, entendemos que a tomamos sob dois modos, como metodologia para constituir narrativas e, também, como uma abordagem de ensino”. Sobretudo, no Pibid, a História Oral foi mobilizada como metodologia para constituir narrativas. Além de estudarmos narrativas, os bolsistas as dispararam ao escrevem sobre suas histórias de vida – escritas autobiográficas – e ao textualizarem as entrevistas realizadas com os professores supervisores. Cuidaram, ainda, de interpretar narrativas quando se puseram ao exercício de analisar, mesmo que num movimento singelo e iniciante de uma análise, as narrativas das histórias de vida traduzidas nas textualizações.

Nosso trabalho com narrativas no Pibid foi parametrizado por Garnica (2012), no qual encontramos o respaldo que procurávamos para as nossas iniciativas com este trabalho no curso de formação inicial de professores de matemática, uma tentativa de ouvir o outro, de narrar, de comunicar e de interpretar histórias de vida de licenciandos e de licenciados: “ouvir o outro – princípio fundamental àqueles que trabalham com narrativas – implica a tentativa de compreender experiências e criar estratégias de ação, por exemplo, para futuros professores. Daí a importância de levar aos cursos de Licenciatura o trabalho com narrativas” (GARNICA, 2012, p. 340). É neste autor, ainda, que sustentamos nossa compreensão de narrativa como uma:

[...] experiência estruturada como relato, como um “contar”, como forma de construir sentidos (um sentido para o si-próprio – aquele que narra, narra-se ao mesmo tempo em que narra algo – e um sentido para o que é narrado) a partir de ações cravadas no tempo, usando a descrição sobre algo, alguém ou sobre si próprio (biografia) (GARNICA, 2012, p. 340).

Também, Tizzo, Flugge e Silva (2015, p. 890) nos auxiliam nessa compreensão ao afirmarem que “a narrativa pode ser compreendida como uma reconstrução de experiências”. O que entendemos como experiência, ao realizarmos essas atividades, discussões e reflexões com os alunos bolsistas do Pibid, fundamenta-se nas compreensões de Larossa (2002; 2014).

[...] “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” ([LAROSSA, 2002] p. 21), é o que nos toca e, quando nos toca, nos transforma de algum modo. Ainda, assim como observa Larrosa (2014), não temos aqui uma pretensão de autoridade com a nossa

experiência, tampouco a aproximamos da prática, considerando-nos sujeito ativos – mas, sim, passionais – ou do experimento, do empírico, daquilo que pode ser produzido cientificamente ou tecnicamente (ANDRADE; SACHS, 2018a, p. 214).

Por fim, concordamos com Tizzo (2019), que a potência do trabalho com narrativas em processos de formação docente, como este que aqui descrevemos, no âmbito do Pibid, “está atrelada a uma política da narratividade, que compreende uma dimensão ética, porque respeita a visão de mundo dos envolvidos; também estética, pois propõe um estilo de escrita, modos de se elaborar a narrativa; e política, porque diz respeito ao empoderamento pessoal”. Ao mesmo tempo lidamos com as dimensões ética, estética e política, nas atividades por nós desenvolvidas. Nas seções seguintes, isso ficará mais claro, com a apresentação de partes das produções dos licenciandos.

As histórias de vida

De tudo ao meu amor serei atento. Amor que traz na significância do sobrenome amoreira. Nasci, ou melhor, abrilhantei feito fogueira no mês de junho, na cidade de Assis. Meu nome Ana, pequeno e cheia de graça. Segunda filha de pais paranaenses. Que me educaram e cuidaram. Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto. Minha infância e parte da juventude morei em sítios ou colônias na região de Assis como o Mussi, Guaritá, Santa Terezinha e Industrial. Estas duas últimas eram em uma Usina, a qual havia uma escolinha. Que mesmo em face do maior encanto, poderia passar os dias a puxar cabelos de boneca, mas não: embirrava e seguia a professora Luzia que subia a colônia com as crianças e eu, que nem tinha idade. [...] (MOREIRA; SACHS, 2016, p. 1, grifos das autoras).

Narrativas autobiográficas de histórias de vida, assim como pesquisas em História Oral, estão “interessadas em perspectivas vivenciais amplas, num conjunto de experiências de vida relatadas por determinados atores sociais” (GARNICA, 2011, p. 7). Os atores sociais, neste caso, são os estudantes do curso de Licenciatura em Matemática que contam como é que se tornam os licenciandos que são.

Sem seguir regras ou modelos, a orientação que passamos aos alunos era para que narrassem os caminhos, as escolhas, os desvios, as renúncias, as resistências que desenharam a trajetória de vida de cada um deles até que se encontrassem no curso de Licenciatura em Matemática, entre outros, como bolsistas do Pibid.

Cada uma delas foi escrita a seu modo, sem interferências das orientadoras, sem regras, pois entendíamos [que] o modo de fazer, escolhido por cada um, também poderia revelar um pouco da sua história de vida, o estilo próprio que cada um escolhe para satisfazer às suas condições, para se mostrar em trajetória de vida rumo a um curso de Licenciatura, sem mesmo se atentar, teoricamente, a isso (SACHS; ANDRADE, no prelo).

Além da leitura de Rolkouski (2006), dialogamos com Rolkouski (2008) e com Teixeira et al. (2012), o que, percebemos, serviu de inspiração para compor as narrativas elaboradas pelos alunos. Narrativas que contaram histórias de vida como registros em diário, com detalhes, confidências e sentimentos capazes de imaginarmos as páginas rabiscadas com aquela trajetória; história inundada por poesia intercalada com o Soneto de Fidelidade, do poeta Vinícius de Moraes; história de vida materna que desvenda sonhos e chega na docência; uma história que muda o rumo de uma vida por amor e chega num outro grande amor, a matemática, deixando para trás a vaga já conquistada no curso de engenharia. “Essas narrativas todas falam de experiências, trazem experiências, dividem experiências, reconstroem experiências” (SACHS; ANDRADE, no prelo). O que essas histórias contam nos aproximaram desses alunos, histórias desconhecidas por professores, por colegas do curso e do Pibid. Essas histórias importam e corroboramos Paula e Auarek (2012) quando afirmam que são nas histórias de vida, nessas trajetórias, que se inclui a docência, não há, portanto, trajetória da docência, há trajetória de vida.

Dos motivos que projetaram a permanência deles no curso estavam a professora com suas experiências na Educação Básica, a Filosofia, a Lógica Matemática, o olhar de satisfação do professor do passado, o Pibid, o semestre finalizado, as dificuldades já vencidas, o câncer curado... Histórias que sinalizam os (des)caminhos que levam quatro jovens a se tornarem licenciandos em Matemática, especificamente, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Cornélio Procópio.

Realizadas essas escritas autobiográficas, um processo de conhecer o outro se instalou no grupo. Esse exercício tornou os alunos mais sensíveis e mais preparados para entrevistar os professores supervisores, o que ocorreu na sequência das atividades. A proposta das escritas autobiográficas era, então, uma tentativa de preparação para a entrevista com o professor supervisor do Pibid, mas foi muito mais que uma preparação, disparou uma grande contribuição. Possibilitou que a aluna tivesse “*um olhar mais afetuoso sobre as atitudes do professor*” e, como ela disse, “*foi inesperado lidar com o sentimento fluindo no olhar do entrevistado*”.

Nesse trabalho, as escritas autobiográficas podem ser consideradas uma experiência para o grupo de licenciandos e orientadoras – uma experiência porque entendemos que foi algo que nos tocou, que nos aconteceu e nos transformou.

Os exercícios de análises: leituras de narrativas

“Como esses professores de matemática, supervisores do Pibid, se tornaram os professores de matemática que são?” foi a indagação que conduziu a elaboração do roteiro para as entrevistas com os professores e, com isso, permitiu a eles narrar sobre suas respectivas trajetórias. Era composto por questões de cunho pessoal, de escolaridade básica e de formação acadêmica, além de questões que permitiam ao professor a possibilidade de falar sobre os caminhos que o levaram a ser professor de Matemática, sobre ser professor e a sala de aula e sobre o projeto Pibid. Tendo elaborado o roteiro, eles enviaram para cada um dos professores uma carta convite relatando as intenções do trabalho e agendaram as entrevistas.

O roteiro foi previamente enviado aos professores para que eles pudessem se familiarizar com o tema que seria abordado na conversa. No entanto, para a realização das entrevistas, os bolsistas optaram, mais uma vez inspirados em Rolkouski (2006), por transformar as indagações que compunham o roteiro em fichas-tema, ou seja, confeccionaram fichas retangulares em papel cartolina e em cada uma delas grafaram palavras-chave que faziam referência, cada uma em uma ficha, às questões do roteiro. Essa sugestão foi adotada pensando na melhor fluência e condução do diálogo no momento da entrevista e, assim, ao invés de proceder com uma sequência de perguntas com paradas mais marcadas entre uma e outra, os bolsistas iam apresentando, uma a uma, as fichas para o colaborador, disposta em uma mesa a sua frente, enquanto ele ia respondendo o que sua memória permitia quando lia a palavra na ficha. Por exemplo, para que o colaborador narrasse sobre suas experiências e expectativas com o Projeto Pibid, a ficha tinha a inscrição “Pibid” e ele poderia discorrer o que essa palavra lhe trazia de mais relevante naquele momento. Essa escolha procedimental foi explicada aos professores antes de iniciarem as respectivas entrevistas e eles aceitaram que fosse feito deste modo.

Esse processo de convite e realização das entrevistas aconteceu com três professores supervisores do Pibid, no entanto, demos continuidade às nossas atividades considerando apenas as entrevistas realizadas com dois deles. O terceiro professor envolvido nesse movimento se mostrou pouco à vontade desde o início do nosso trabalho e com a possível sequência das atividades com o áudio da entrevista cedida por ele, optamos por descontinuar. De posse dos áudios das outras duas entrevistas, os bolsistas foram orientados a proceder com

a transcrição e com a textualização do material⁵. Essas textualizações foram lidas e autorizadas pelos colaboradores depois que os bolsistas procederam com as alterações sugeridas por eles após a leitura do texto inicial, assim como o uso deste material, para fins de pesquisa e consequentes publicações científicas, foi autorizado pelos professores com a assinatura das cartas de cessão de direitos, as quais mantemos em arquivo.

O resultado das textualizações pode ser considerado como narrativas produzidas colaborativamente pelos licenciandos e supervisores, que contavam sobre as histórias de vida dos últimos. Mais que olhar para essas narrativas, propusemos aos alunos que tentassem lê-las e elaborassem interpretações (análises) dessas histórias – a essa atividade chamamos de leituras das histórias de vida dos professores supervisores pela ótica dos bolsistas que os acompanhavam, pelo Pibid, semanalmente nas escolas.

As duas textualizações obtidas, geradas a partir das entrevistas com os professores supervisores do Pibid, foram discutidas e analisadas pelos alunos, junto conosco, nas reuniões de orientação. Em uma dessas reuniões de orientação, na finalização do primeiro semestre de 2017, uma conversa aconteceu com os quatro bolsistas da época e eles relataram a dificuldade em transcrever emoções. Uma bolsista diz: *“na hora que eu ia transcrevendo, eu ia lembrando de tudo, de tudo, da gente sentado assim, de ele naquela emoção, assim... Só que, a hora que você lia, você falava: ‘gente! Está nada a ver do que eu senti lá, né, do que ele passou para gente, daquela emoção’”*. E a saída que ela encontra para isso é, de alguma forma, inserir a poesia na discussão posterior à textualização, como uma forma de transcrição⁶. E essa foi, justamente, a mesma estratégia utilizada por ela em sua narrativa autobiográfica, com referência ao Soneto de Fidelidade.

⁵ Entendemos transcrição e textualização de acordo com Vianna (2014): “a transcrição é o nome que damos à transformação do registro sonoro em texto ‘fiel’” (p. 75), trata-se de um procedimento demorado, um exercício atento e exaustivo de transformação do áudio em texto; e a textualização “transforma a entrevista de ‘língua falada’ em um texto de ‘língua escrita’, um texto que terá a estrutura, o formato e o grau de elaboração conceitual e técnico que lhe possa ser dado pelo autor” (VIANNA, 2014, p. 76), ou seja, trata-se de cuidar do texto transcrito de modo de que ele tenha mais fluência de leitura, sem perder as características ou modificar da fala do colaborador. O momento da textualização permite, por exemplo, modificar a ordem (ou agrupar) em que alguns assuntos foram abordados no decorrer da entrevista. É importante, no entanto, que esse texto não descaracterize a fala do colaborador e que ele possa, após esse procedimento, continuar reconhecendo sua fala agora em forma de texto escrito. É, geralmente, a textualização que é devolvida ao colaborador para que este verifique se deseja acrescentar, manter ou retirar trechos de sua fala, antes que a autorize para uso do pesquisador. A partir da aprovação deste texto, comumente, o colaborador procede com a assinatura da carta de cessão de direitos, cujo cuidado e arquivo ficam por conta do pesquisador (SACHS; ANDRADE, no prelo).

⁶ Processo em que é possível incorporar elementos extratextos nas narrativas dos colaboradores.

Nesse movimento de olhar, ler e interpretar as narrativas, os alunos estudaram paralelamente alguns textos do livro “Viver e contar: experiências e práticas de professores de matemática”, de Teixeira et al. (2012), em que são apresentadas onze maneiras (textos) de escutar as treze narrativas de professores de matemática que estão expostas, em partes, na primeira seção do livro. Cada texto elabora uma interpretação a partir das histórias de vida de duas ou mais narrativas. Então, cada bolsista do Pibid escolheu um texto para estudar e, ao escolher o texto, teve seu olhar voltado para as narrativas que foram abordadas naquele texto, em específico. Desse modo, puderam perceber ao menos um modo de interpretar narrativas de histórias de vida de professores de matemática. Todos os textos escolhidos, bem como as narrativas que eram tratadas nesses textos, foram socializados no grupo.

Olhando, então, para as narrativas dos professores supervisores do Pibid, os alunos bolsistas foram convidados a um novo exercício: o de análise (uma leitura cuidadosa e de interpretação) dos textos produzidos. Novamente, sem que houvesse modelos ou regras, eles se puseram a interpretar. Na sequência trazemos fragmentos dessas leituras de narrativas realizadas por eles⁷.

Leitura 1: a leitura que uma das bolsistas fez das narrativas usou de certa inventividade. Ela propôs uma análise que chamou de “*o conjunto professor de matemática*”. Para isso, espelhou-se no conceito matemático de conjuntos, especificamente, nos diagramas de Venn, e olhou para as histórias de vida desses dois professores destacando suas singularidades e suas convergências. Os conjuntos W e A se referem, respectivamente, às histórias de vida dos professores Washington e Agnaldo. A essa tentativa de análise ela chamou “*Diagrama de Quem*”⁸.

“Quem nunca teve sonhos? Ser astronauta, cantor, jogador de futebol, a boneca Barbie, tantos sonhos, enfim assim como todos, nossos atores também tinham outros sonhos antes de se tornar[em] professores (W⁹ até fez um curso de aeronáutica, mas só fez). Como Agnaldo

⁷ Para manter o anonimato dos bolsistas, apresentamos como Leitura 1, Leitura 2 e Leitura 3. Os trechos indicados em itálico e entre aspas são de autoria deles, em suas produções. Os acréscimos ou supressões feitos por nós, estão indicados entre colchetes.

⁸ Este material, produzido pela bolsista, ainda não foi publicado em outros espaços. Há a pretensão que a análise completa seja submetida e apresentada como comunicação em um evento científico.

⁹ Em alguns trechos, a bolsista usa as iniciais dos nomes dos professores para se referir a eles.

era um rapaz muito batalhador, não impôs limite em seus sonhos na hora de decidir qual faculdade fazer. Queria ser advogado, cursar Direito, porém a faculdade mais próxima que ofertava o curso era a UEL¹⁰ e por questões financeiras não era possível. Com W não foi diferente, como muitas pessoas, ele sonhava em fazer medicina, queria ser médico, e desde a época que cursava a educação básica já havia promessas de se trazer o curso para cidade [de] Cornélio [Procópio], o que fez com que as esperanças se renovassem e ele fizesse um até um cursinho pré-vestibular em Londrina. Mas nada de acontecer. As questões financeiras da vida desses jovens nunca foram as melhores e não permitiram que eles fizessem o que queriam a princípio, mas eles não desistiram de fazer uma graduação. A irmã de A, falara do curso de Matemática que ela cursava na época, onde despertou nele grande interesse pela docência, já W tinha certa vocação para exatas, então foi onde tudo começou. A graduação em licenciatura em Ciências na FAFICOP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio, foi a escolha deles. Na época o curso de Ciências tinha, também, outras habilitações (em Física, Química e Biologia), A optou [por] focar só na Matemática e fazer, depois, uma especialização em Matemática, já W fez habilitação em Física e depois Matemática curta, o que o qualificou para ser professor de matemática. Após o ingresso pelo concurso na escola e um tempo já lecionando, eles tiveram uma grande oportunidade de crescimento profissional, A teve a oportunidade de trabalhar como técnico na área de Matemática, cuidando da disciplina de Matemática de mais de 19 municípios, sendo assistente chefe do Núcleo da Educação. Enquanto W trabalhou como coordenador da disciplina de Física [...].

[...]

A experiência no núcleo durou oito anos para ambos os professores, mas a vontade de voltar para sala de aula já estava falando mais alto, entretanto já não era a mesma coisa, uma escola que era tão tradicional já estava perdendo seus costumes e recebendo cada vez mais um público diferente e cheio de desafios. E nossos atores não deixaram de notar isso. Atualmente, eles lecionam no colégio Monteiro Lobato, onde W dá aula de matemática, e física em outra instituição, e A pertence somente a matemática. E hoje com quase vinte e um anos de carreira, não deixam de fomentar a importância de se manter atualizado para compartilhar da melhor maneira possível seus conhecimentos. Após uma longa trajetória, os professores se encontram na supervisão do projeto PIBID, e conta[m] com muito prazer, a satisfação que é ter estagiários na sala de aula com eles, compartilhando seus saberes e experiências.

[...]

Washington acredita que o projeto ajuda os bolsistas a passarem por um “reestudo”, pois às vezes alguns conteúdos acabam sendo difíceis de recordar e a troca de experiências na sala fortalece tanto os docentes como os discentes que, muitas vezes, levam materiais diferentes para ensinar e ajuda o professor da sala de aula. Com tanto em comum, o que mais intersecciona esses conjuntos são os elementos que pertence[m] à sala de aula: os alunos. É por eles que esses professores tentam fazer seu melhor e continuar nesse caminho que eles não escolheram e sim foram escolhidos.

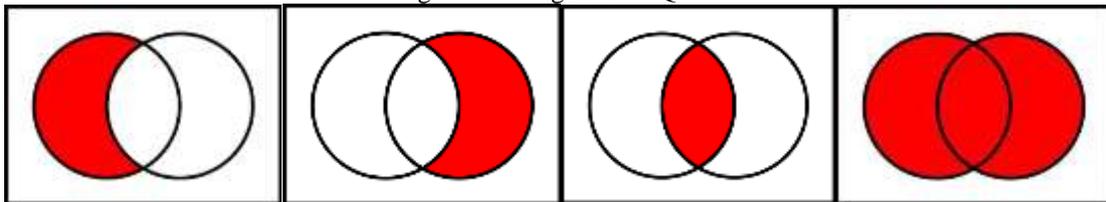
[...]

A proposta de se trabalhar com os diagramas nessas histórias, possibilitou valorizar cada elemento que tornava esses conjuntos especiais, tanto suas particularidades, como o que eles carregavam de semelhanças. E os anos de profissão, os seus sonhos, as dificuldades financeiras e pessoais, a faculdade, o núcleo, a supervisão do PIBID, não passaram em vão,

¹⁰ Universidade Estadual de Londrina.

e hoje unindo essas grandes histórias fica explícito que eles têm amor pelo que fazem, e por mais que a profissão não [seja] valorizada sabem que o grande retorno está nos olhares daqueles que acompanham as aulas, nas borrachas gastas, nas tarefas entregues, em ouvir que alguns passaram em vestibulares e outros que até querem seguir seus caminhos da docência [...] Sabem que contribuíram para a formação de um cidadão e o conhecimento é algo que ninguém vai poder tirar de ninguém”.

Figura 1 – Diagrama de Quem



Fonte: produções da Leitura 1 (as autoras)

Leitura 2: no exercício de analisar as duas narrativas, uma bolsista optou por trazer à tona alguns trechos das falas dos professores e, a partir desses fragmentos, buscou na literatura respaldo teórico para a compreensão dessas falas. Desse modo, escreve sua análise intercalando fragmentos das textualizações e suas compreensões teóricas sobre eles. Para isso, ela organiza sua leitura por assuntos: primeiro apresenta seus dois personagens, traçando informações pessoais dos professores; em seguida olha como o discurso deles trata “*a escola, o professor e o processo de ensino e aprendizagem*”; e encerra sua leitura se debruçando sobre os fragmentos em que os professores discorrem sobre “*as dificuldades da docência e a importância do Pibid*”.

“A docência foi uma escolha em comum para esses dois professores, porém, apesar de algumas semelhanças, suas histórias de vida os tornam muito diferentes, inclusive com relação as suas posturas e decisões frente a suas turmas. É preciso considerar também que optar por algo que se gosta e se tem prazer em realizar, torna seu trabalho mais fácil, porém na realidade, por diversos problemas e necessidades, nem sempre isso acontece. O professor Washington deixa claro em suas falas que prefere lecionar Física, que prefere Física a Matemática, embora, atualmente, seja também professor de Matemática, já o professor Agnaldo escolheu se dedicar à Matemática e parece estar feliz com sua escolha. Será que essas preferências podem interferir, de alguma forma, no processo de ensino e aprendizagem?

[...]

O professor Washington reconhece a importância em se manter atualizado, e, reforça a necessidade da formação continuada na carreira docente: ‘Fiquei oito anos afastado da disciplina (para trabalhar no Núcleo) e pude perceber a importância de retomar todo o conteúdo de novo, é um “reestudo”, é uma nova formação. Mesmo tendo conhecimento do conteúdo, muitos detalhes podem ser esquecidos, principalmente em Matemática, que possui

muitas fórmulas e conceitos. Mesmo os professores atuantes devem buscar sempre o aperfeiçoamento profissional, renovar os conhecimentos’.

Apesar das inúmeras dificuldades, ainda mais em se tratando de professores da disciplina de Matemática, algumas lembranças de nossos personagens revelam seu comprometimento com a profissão escolhida. ‘O tempo que passei no Núcleo me fez sentir falta da profissão, do lecionar propriamente dito. Eu pensava em todas as dificuldades, da falta de interesse dos alunos, de como é complicado lidar com crianças, tem horas que a gente perde um pouco o fio da meada, mas pensava também em como era gratificante entrar na sala e ver que mesmo um ou dois alunos estavam dispostos, meu prazer é vê-los evoluir’. Essa fala do professor Washington revela as dificuldades e desafios da profissão professor, e também a satisfação em ver que seu trabalho é reconhecido, mesmo que pela minoria. O professor Agnaldo revela que apesar de todas as dificuldades que já enfrentou, e ainda enfrenta, procura ser o melhor que pode para seus alunos: ‘Por mais que eu tenha dificuldade, tenha meus problemas, procuro sempre fazer o melhor na sala de aula, me atualizar, estudar bastante, levar o que tenho de melhor para meus alunos. Espero que consiga passar o máximo possível de conhecimento para que eles sofram menos que eu sofri’.

[...]

O professor Agnaldo reafirma a importância dos estagiários e do PIBID: ‘Tivemos o privilégio de ter o PIBID [...] de uma maneira remunerada e dando oportunidade para os alunos da universidade também frequentarem uma sala de aula junto com os professores e acompanhar a realidade’. Ele também teme pelo fim de projetos e programas de apoio a iniciação à docência, como o PIBID: ‘O PIBID é um projeto muito importante que dá oportunidade para os alunos conhecerem a realidade do ambiente escolar, valoriza o professor e o aluno na universidade. Espero que esse projeto não acabe, pois estamos vivendo momentos difíceis, de algumas mudanças drásticas, com um governo que não se importa muito com a educação’.

Considerando todas as dificuldades já enfrentadas pelos professores, os temores do professor Agnaldo, com relação aos momentos difíceis e a pouca importância dada à educação, são os nossos também, o fim de iniciativas como o PIBID, assim como outras iniciativas voltadas à melhoria do ensino, principalmente do ensino básico, é realmente preocupante, sem investimento na formação inicial e continuada de professores é impossível garantir ensino público com qualidade, formar profissionais qualificados, e, a docência se torna cada vez menos atrativa, ao mesmo tempo em que a educação de qualidade, com caráter transformador, torna-se uma realidade para poucos”.

Leitura 3: em sua leitura, um bolsista abordou muitos temas que saltaram aos seus olhos enquanto lia as narrativas. Os temas apontados por ele retratam as dificuldades e os problemas que a escola pública tem, tanto no que se refere às condições de trabalho, quanto à formação – inicial e continuada – de professores.

“A mesma situação de Washington e Agnaldo ocorre em vários professores que atuam na rede de ensino pública, a formação acadêmica que eles receberam para lecionar ocorreu durante o século passado. Não seria um problema se houvesse incentivos governamentais na formação continuada [...].

Assim, os educadores precisam lidar com uma estrutura de ensino construída há anos, desorientando as novas gerações que não vivem a realidade que este sistema foi construído para direcionar, dificultando a implementação de ambientes adequados para uma educação que proporcione autonomia e criticidade.

[...]

A relação aluno-professor é uma condição do processo de aprendizagem, ela constitui os fundamentos do processo educacional. Uma corrente de diálogos aluno-professor proporciona melhores condições ao ensino-aprendizagem, onde o processo de direcionamento escolar dos alunos se torna mais simples e a rotina de expressões em sala mais saudáveis.

Não é sempre que professores conseguem um envolvimento saudável com as salas de aulas, as atitudes indelicadas infelizmente acabam por ser eventuais quando o relacionamento entre professor e aluno não é agradável, assim, é necessário que o profissional esteja preparado para lidar corretamente com as diversas situações que está submetido, evitando atitudes que fomentem ainda mais o distanciamento das relações saudáveis.

[...]

O desenvolvimento do texto expõe algumas das dificuldades presentes na atuação da docência na rede pública, cuja estrutura é insuficiente para professores mediarem uma educação significativa, fazendo com que os profissionais da educação fiquem frustrados ao decorrer dos anos. A evasão dos novos professores da rede pública é reflexo da grande desvalorização profissional, o novo processo de suplementação de docentes nas escolas públicas segrega os professores. Com a classe desunida, não há união política para que mudanças possam ser atendidas, desmotivando os profissionais que já atuam em um sistema educacional antiquado, enquanto os resultados educacionais acentuam a visão da sociedade que a escola pública é insuficiente, que é a principal base de argumento da classe política para suas negligências seletivas e medidas com interesses subjetivos”.

Considerações

As leituras 1, 2 e 3 nos mostram modos de olhar e de escutar histórias de vidas de professores – os professores supervisores do Pibid. Cada bolsista, licenciando em Matemática, empreende uma análise, uma leitura, um destaque.

A busca por singularidades e convergências entre os dois professores supervisores entrevistados permeou a leitura 1, que foi representada pelo “*Diagrama de Quem*”. Professores com trajetórias que se assemelham ao, por exemplo, não seguir seus sonhos – como mostra a pergunta presente no texto, “*Quem nunca teve sonhos?*”. Esses professores relatam outros desejos profissionais que foram substituídos por aquilo que era possível: ser professor (de Matemática). As histórias de vida desses licenciandos mostram que eles têm isso em comum com os supervisores. Em Moreira et al. (2017), os bolsistas explicitam os

(des)caminhos que os levam ao curso e fazem com que lá permaneçam: é o “*caminho que eles não escolheram e sim foram escolhidos*”.

[...] entre Economia, Psicologia e Moda, escolheu pela Licenciatura em Matemática. A concorrência do vestibular dos dois primeiros não permitiu que eles se tornassem reais para ela; Moda era o que ela queria, mas depender da sorte para sobreviver não parecia uma opção.

[...] entre o sonho – Direito – e a aprovação no vestibular – Administração de Empresas –, procurou por algo que admirasse: a docência. Mas, também, gostar de matemática e estar próxima à universidade foram fatores que a trouxeram ao curso. Entre tantos descaminhos – a bolsa conseguida, mas não realizada, a morte e o vestibular, a dengue e a inscrição –, veio a chamada nominal para o ingresso [...] no curso.

O que era para ser Engenharia Mecânica, na Unioeste, tornou-se Engenharia Mecânica, na UTFPR e, então, transformou-se em Licenciatura em Matemática (MOREIRA et al., 2017, p. 10-11).

A leitura da licencianda, ao fazer a análise das textualizações das entrevistas com os dois supervisores e representar o que há em ambas por meio da intersecção de conjuntos, talvez tenha vestígios de sua própria escrita da história de vida e dos colegas bolsistas. A profissão professor, afinal, não parece tão atrativa para ser a escolha de tanta gente; há outros fatores – além dos sonhos – que levam a ela. O exercício de análise, a partir das entrevistas, fez que ela pensasse sobre isso e sobre as razões de o magistério não ser o desejo de tantos como o é a profissão de advogado, por exemplo.

Ela destaca também as questões financeiras que, no caso desses dois professores, foi um determinante na escolha, limitando que se dedicassem aos cursos que desejavam e o curso de Licenciatura em Matemática surge neste cenário como uma opção, para A a partir de uma sugestão da irmã que já cursava essa graduação e para W pela afinidade com a área de exatas. Entre o sonhado e o possível também está a história que faz a docência ser uma opção no caminho de alguns dos bolsistas.

Sobre essas escolhas – que não são bem escolhas – também há um movimento de reflexão na leitura 2. Um dos professores supervisores, com formação inicial para atuação em Física, relata que prefere ser professor de Física que de Matemática – mas que também tem uma segunda formação, de Licenciatura Curta. Porém, as aulas de Física não são suficientes para ele, precisando assumir, também, as de Matemática. A licencianda questiona sobre isso: “*Será que essas preferências podem interferir, de alguma forma, no processo de ensino e aprendizagem?*”. Ela, que, na escrita de sua história de vida, também destaca a contingência de sua escolha – queria a docência, e o que havia perto de sua residência era a opção da Matemática –, não responde à questão.

A narrativa produzida a partir da entrevista com um dos supervisores aborda, entre outros temas, o investimento público na educação. A análise realizada pela bolsista se atenta a isso, tanto no que se refere a programas de formação inicial, como o Pibid, quanto nas condições salariais e de trabalho do professor: *“sem investimento na formação inicial e continuada de professores é impossível garantir ensino público com qualidade, formar profissionais qualificados, e, a docência se torna cada vez menos atrativa, ao mesmo tempo em que a educação de qualidade, com caráter transformador, torna-se uma realidade para poucos”*.

Na leitura 3, está presente, também, essa discussão. O licenciando destaca as dificuldades que o professor encontra em sua atuação – na desvalorização profissional, no relacionamento com os alunos, na falta de formação continuada. São incômodos que chegam a ele por meio das entrevistas com os professores supervisores e de sua permanência na escola, proporcionada pelo Pibid.

Nessas interpretações os bolsistas estiveram atentos a alguns pontos que os tocaram na escuta e na leitura das histórias de vida. Encontraram nas narrativas dos professores supervisores similaridades com seus próprios caminhos. Duas narrativas de histórias de vida e três leituras distintas. Em Sachs e Andrade (no prelo), destacamos que aos bolsistas essa atividade de entrevistar, de constituir e de interpretar narrativas pode ter contribuído para compreender que:

Aquele professor, que o bolsista acompanha toda semana na escola, que dá conta dos conteúdos e de estar à frente de uma sala de aula, que tem olhos de licenciandos mirando suas atitudes e suas lições de matemática, que permite aos bolsistas desenvolverem atividades em suas aulas, também tem vida, desejos, frustrações, expectativas, famílias, perdas, escolhas. Algumas coisas passam a fazer mais sentido para os futuros professores e alguma empatia com o outro, com o colega bolsista, com o professor supervisor e – por que não? – com o futuro aluno passa a existir.

Para além desta contribuição de cunho mais empático, consideramos que as entrevistas com os professores, os processos de transcrição e de textualização, foram enriquecedores para o grupo compreender mais sobre as disposições da História Oral e algumas de suas potencialidades, sejam elas possibilidades e limitações.

Encerramos essas atividades com esses bolsistas ao mesmo tempo em que se encerrou o subprojeto Pibid na instituição¹¹. Um trabalho que começou tímido e cresceu em anseios, em práticas, em diálogos, em reflexões e discussões e, também, em publicações científicas.

¹¹ Um novo subprojeto Pibid teve início em 2018 respondendo a um novo edital da Capes.

Mais que o Pibid e todas as suas contribuições para a formação inicial de professores de matemática, também narrativas, História Oral e histórias de vida são, agora, parte das trajetórias docentes desses licenciandos.

Referências

- ANDRADE, M. M.; SACHS, L. **“Obrigada por ter apresentado a História Oral”:** propostas desenvolvidas e analisadas em um curso de Licenciatura em Matemática. *Bolema*, Rio Claro, v. 32, n. 60, p. 212-230, 2018a.
- ANDRADE, M. M.; SACHS, L. **Exercícios de escrita de história de vida e História Oral na formação inicial de professores de matemática por meio de um trabalho no PIBID.** In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 14., 2018, Campinas. *Anais...* Campinas: Unicamp, 2018b. p. 1-8.
- GARNICA, A. V. M. **História Oral e História da Educação Matemática: considerações sobre um método.** In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 1., 2011, Covilhã. *Anais...* Covilhã, 2011. p. 1-12.
- GARNICA, A. V. M. **Estacas em paisagens móveis: um ensaio a partir da narrativa de três professores de Matemática.** In: TEIXEIRA, I. A. C. et al. (Org.). *Viver e contar: experiências e práticas de professores de matemática.* 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2012. p. 331- 347.
- LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MOREIRA, A. P.; SACHS, L. **Conhecendo a trajetória de uma licencianda por meio da História Oral.** In: ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS, 6., 2016, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 2016, p. 1-3.
- MOREIRA, A. P. et al. **(Des)caminhos na formação de professores de matemática.** In: ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 14., 2017, Cascavel. *Anais...* Cascavel, 2017, p. 1-11.
- PAULA, M. J.; AUAREK, W. A. **Viver e contar.** In: TEIXEIRA, I. A. C. et al. (Org.). *Viver e contar: experiências e práticas de professores de matemática.* 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2012. p. 33-40.
- ROLKOUSKI, E. **Vida de professores de matemática – (im)possibilidades de leitura.** 2006. 288 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. 2006.
- ROLKOUSKI, E. **Histórias de vida de professores de Matemática.** *Bolema*, Rio Claro, v. 21, n. 30, p. 68-88, 2008.

SACHS, L.; ANDRADE, M. M. **Possibilidades outras de empinar orquídeas: iniciativas disparadas mobilizando a História Oral no Pibid-Matemática.** *Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática*. No prelo.

TEIXEIRA, I. A. C. et al. (Org.). **Viver e contar: experiências e práticas de professores de matemática.** 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2012.

TIZZO, V. S.; FLUGGE, F. G.; SILVA, H. **Práticas Possíveis com a História Oral na Formação Inicial de Professores (de Matemática).** *Bolema*, Rio Claro, v. 29, n. 53, p. 887-908, 2015.

TIZZO, V. S. **Mobilizações de Narrativas na (e para a) Formação de Professores: potencialidades no (e a partir do) Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.** 2019. 488 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. 2019.

VIANNA, C. R. Sem título. In: GARNICA, A. V. M. (Org.). **Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil.** Curitiba: Appris, 2014. p. 67-85.

Submetido em Junho de 2019

Aprovado em Setembro de 2019